



Lusotopie

Recherches politiques internationales sur les espaces
issus de l'histoire et de la colonisation portugaises

XII(1-2) | 2005

Genre et rapports sociaux

Lusotopie na editora Brill.

Nova etapa para uma revista com doze anos de idade

Michel Cahen



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/lusotopie/1152>

ISSN: 1768-3084

Editora:

Association des chercheurs de la revue Lusotopie, Brill, Karthala

Edição impressa

Data de publicação: 30 Novembro 2005

Paginação: viii-x

ISSN: 1257-0273

Refêrencia eletrónica

Michel Cahen, « *Lusotopie* na editora Brill. », *Lusotopie* [Online], XII(1-2) | 2005, posto online no dia 30 março 2016, consultado o 08 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/lusotopie/1152>

Este documento foi criado de forma automática no dia 8 Maio 2019.

Tous droits réservés

Lusotopie na editora Brill.

Nova etapa para uma revista com doze anos de idade

Michel Cahen

- 1 *Lusotopie* foi fundada entre 1992 (a associação) e 1994 (a revista anual) por um antropólogo, Christian Geffray, uma socióloga, Christine Messiant e um historiador, Michel Cahen, todos os três decididos a desenvolver a análise política dos espaços contemporâneos oriundos da história e da colonização portuguesas. A este trio inicial rapidamente se juntaram numerosos especialistas de ciências sociais, de cerca de trinta nacionalidades diferentes, e cujas línguas de trabalho eram o português, o francês e o inglês. O que interessava à rede assim formada não era uma « área cultural lusófona » cuja pregnância contestava, nem o estudo de Portugal por Portugal, do Brasil pelo Brasil ou de Moçambique por Moçambique. O que lhe interessava era levantar os problemas gerais da análise social e política no mundo contemporâneo – a reforma do Estado, a democracia política, a etnicidade, o neo-liberalismo, as guerras civis, os movimentos sociais, o nacionalismo, etc. – tendo como única especificidade que a sua « área empírica de investigação » era formada pelos espaços oriundos da história e da colonização portuguesas. Christian Geffray indicou-o muito nitidamente: o objectivo era fazer emergir os desafios contemporâneos que, graças a este *terreno* específico, seria possível entregar à reflexão global das ciências sociais.
- 2 No entanto, justamente porque o facto linguístico era relativizado, eram apontados outros « vestígios » históricos. Por exemplo, se ninguém fala português em Goa, se os Goeses, longe de serem « todos católicos » os quais formam apenas uma pequena minoria, em compensação, Goa é o único Estado da Índia regido pelo direito romano e a minoria católica é ali mais importante que em qualquer outro lado. Por exemplo, o modelo do Estado centralizador, principal actor da economia, o imaginário da nação homogénea a produzir pelo partido único, pela uniformidade linguística, pelo luso-tropicalismo, etc., todos estes traços muito « portugueses » não eram conservados na Angola e no Moçambique « marxistas-leninistas » dos anos 1977-1989? No Brasil, além do luso-tropicalismo e outra « cordialidade », o facto que, na tradição sindical local, os trabalhadores duma empresa só possam aderir a um só sindicato afiliado a uma única central, e que os sindicalistas sejam muitas vezes « peritos » exteriores à empresa, será

que tudo isto não vem muito claramente da tradição corporativista portuguesa ? Não terá sido o facto católico um eixo de resistência e de identidade em Timor ?

- 3 E naturalmente o facto linguístico lusófono existe, mesmo se é relativo. Como muito bem disse Eduardo Lourenço, a lusofonia só pode ser uma área específica de intersecção com outras identidades. Mas quando ninguém fala português, mesmo esta definição rigorosa liberta dos ouripéis de uma lusofonia pós-imperial muitas vezes sinónimo de uma dilatação de lusitanidade, já não é operatória. Os lugares (*topoi*) modelados, pelo menos parcialmente pela história e pela colonização portuguesas nem por isso deixaram de existir. Veio pois a « lusotopia », conceito inventado por Louis Marrou em 1992, e, logo a seguir, *Lusotopie*, a revista !
- 4 Não obstante, revistas como *Lusotopie* são frequentemente consignadas (relegadas ?) no estatuto de revistas de estudos de « área cultural », expressão que, em francês, é mais precisa e restritiva que a inglesa *Area Studies*. Área cultural ou *Area Studies* designam todavia tudo excepto estudos generalistas : deste modo nunca se está longe dos *Subaltern Studies*... Ora *Lusotopie* reclama-se francamente de uma *área empírica de investigação* : é completamente diferente. Os espaços contemporâneos oriundos da história e da colonização portuguesas *desenham* (sem a definir) uma área com tanta pregnância como outras « áreas » que contudo não se nomeiam de modo nenhum nas revistas parentes que a tal se consagram. Porque seria *Lusotopie* uma revista de « área cultural » visto que analisa os espaços oriundos da história portuguesa, quando seriam « generalistas » a *Revue française de Sciences politiques*, a *Revue Historique*, o *American Journal of Political Science*, a *Political Science Quarterly*, o *Journal of Contemporary History*, etc., todas elas excelentes revistas que estudam, em 95 % do seu conteúdo, apenas o mundo ocidental ? O centro do mundo considerar-se-ia, mesmo cientificamente, como a totalidade ? Mede-se aqui o peso das hegemonias no seio das ciências sociais, e residia ali, e continua a residir, uma das dificuldades principais do projecto : quem não trabalha sobre o centro tem dificuldade em se fazer admitir como « generalista » !
- 5 Mesmo assim não nos afastámos de um centímetro desta orientação fundadora, que permitiu a colaboração fecunda, na *Lusotopie*, de autores de cerca de trinta nacionalidades, e muitas vezes originários dos países do Sul. A existência de uma revista trilingue (francês, português, inglês), criou um espaço original e igualitário de intercâmbios científicos. Assim, durante onze anos, *Lusotopie* publicou grandes volumes anuais, cada vez com um dossier temático¹.

* * *

- 6 Para que o conteúdo internacionalizado (temas, autores) de *Lusotopie* fosse eficaz, era no entanto preciso que a difusão da revista fosse também cada vez mais internacionalizada. Certamente o site internet (<www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr>) permitiu parcialmente isso², pondo à disposição dos leitores os seus artigos em texto integral e gratuito. A revista será doravante electronicamente alojada, como as outras revistas publicadas por Brill (<www.brill.nl>), na base Ingenta, e o acesso será livre para todos os assinantes individuais, assim como para todos os utentes das instituições assinantes. Os resumos trilingues e alguns artigos continuarão a estar em acesso livre no site da revista.
- 7 Mas jamais algo substituirá a edição « papel » : nem tudo se pode ler no ecrã, e nem tudo se poderia imprimir em folhas A4 ! A revista « papel » permanece, na realidade, como o coração de todas as revistas que publicam artigos bastante longos, mesmo se o site

internet é o seu complemento indispensável. Foi em consideração de tudo isto que *Lusotopie* decidiu « migrar » da editora francesa Karthala (Paris), para Brill (Leiden), editora antiga fortemente internacionalizada que já publica uma centena de revistas. A revista aguarda uma maior difusão internacional, particularmente nos países anglo-saxões e na América latina. Brill espera de *Lusotopie* um utensílio para uma melhor penetração dos mercados brasileiro e luso-africano. A parceria com Karthala prossegue, dado que a colecção de livro « Lusotopie » fica nesta editora ³.

* * *

- 8 A revista era um grande calhamaço anual : será doravante semestral e mais magra, se bem que ainda consistente (de 150 a 250 páginas por número). Ela incluirá frequente, mas não sistematicamente, dossiers temáticos (tal como o do presente volume sobre « Género e relações sociais nos espaços lusófonos ») ; a secção dos artigos de miscelânea poderá pôr o acento sobre um tema tratado entre três e cinco artigos ; a secção bibliografia continuará a ser muito importante.
 - 9 Temos muitas ideias para o futuro : islão na lusofonia ; judaísmo na lusofonia ; nacionalismos ; racismo, racismo, anti-racismo ; mundialização e desafios geopolíticos lusófonos ; Macau chinês ; Lula II ; a Galiza sem Fraga ; trinta anos de independência na África lusófona ; género e política ; Timor sem a Indonésia ; Portugal e Espanha ; etc. Desejamos que a secção dos artigos de miscelânea aborde mais sistematicamente a actualidade. Haverá pois mudanças através de pequenos retoques. Mas *Lusotopie* não muda de projecto editorial, e empenha-se numa nova fase, mais profissionalizada, mais internacionalizada, da sua existência.
 - 10 Descubra este primeiro número publicado por Brill, o duodécimo volume desde 1994. E envie-nos as suas críticas, as suas ideias. E as suas assinaturas, está claro !
- Bordéus, 12 de Julho de 2005

NOTAS

1. A lista destes dossiers pode ser recuperada no site da revista (<www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr>) ou no editorial do número de *Lusotopie* 2004 : M. CAHEN, « Lusotopie 1994-2004 : vive la suite ! », *Lusotopie* 2004 (Paris, Karthala), XI, Setembro 2005 : 7-14.
2. À data de 12 de Julho de 2005, o site <www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr> tinha sido visitado por 33 532 visitantes, ou seja uma centena de visitas por semana desde 1998, e mais de 200 visitas semanais desde há um ano. Isto é notável, mas ainda largamente insuficiente.
3. Um único volume saiu até à presente data : Jacky PICARD (ed.), *Le Brésil de Lula. Les défis d'un socialisme démocratique à la périphérie du capitalisme*, Paris, Karthala 344 p., ISBN : 2-84586-410-8, resumos em francês, português e inglês (« Livros Lusotopie », 1). Entre diversos projectos em vias de estudo ou de preparação : *Viriato da Cruz ; Economia política da Angola pós-colonial ; O partido comunista português e a questão colonial ; o racismo em Portugal ; etc.*